

Curta este *post* e eu te direi quem és: a busca da identidade no discurso do outro¹

Marcelo Andrey Monteiro de QUEIROZ²
Naiana Rodrigues da SILVA³
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Dentre a série de transformações provenientes da cibercultura, destaca-se a superação da barreira espaço-temporal com o surgimento do ciberespaço, também caracterizado por Levy (1999) como rede. A identidade, uma representação do sujeito social, anteriormente definida em campos sociais bem delimitados, sofreu uma fragmentação ainda maior no ciberespaço. O presente artigo visa analisar, de acordo com preceitos da Análise do Discurso (AD), nas palavras de Orlandi (2009) e Marques (2011), o reestabelecimento de uma definição da identidade e/ou representação do sujeito fragmentado a partir de uma brincadeira de “curtidas e respostas” que virou tendência no Facebook em janeiro de 2016 e os discursos presentes nela.

Palavras-chave: ciberespaço; discurso; representação; Análise do Discurso; Facebook.

Introdução

Com a pós-modernidade, o homem, enquanto ser social, passou a se defrontar com a fluidez e a mudança constante de suas identidades culturais. Não se poderia mais pensar em identidades fixas, permanentes, intrínsecas ou particulares a uma concepção essencialista do sujeito, mas, sim, em identidades permutáveis, que variam de acordo com o contexto no qual esse mesmo sujeito está inserido. Essa perspectiva percebe, então, a identidade como algo relacional.

No entanto, a *web* acabou por esgarçar o que se poderia caracterizar como um único contexto. A rede passou a ser considerada como um espaço utópico e pluridimensional, no qual não há começo nem fim, mas diversos campos de representação simbólica, os quais poderiam ser facilmente representados no exemplo dos sites de redes sociais. Hoje não é mais possível vincular um perfil no site Facebook a uma única postura em sociedade, a uma instituição em particular ou a um campo social em singular, o que configura uma pluralidade de espaços sociais aos seus usuários.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Multimídia, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, e-mail: marceloandrey.monteiro@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do ICA-UFC, e-mail: naianarodrigues@gmail.com.

Em janeiro de 2016, observou-se no Facebook⁴ o surgimento de uma série de postagens por parte de alguns usuários. As publicações que seguiam a tendência supracitada denotavam que, ao serem curtidas, gerariam algum comentário que definiria o curtidor por parte do usuário que fez a publicação. Essa definição de identidade e a construção dela serão estudadas no presente artigo, que versará sobre conceitos pertinentes à discussão em tópicos distintos, os quais serão retomados durante a análise de imagens obtidas para a leitura da fundamentação que será explicitada a seguir.

1 As predisposições e potencialidades da cibercultura

De acordo com Lemos (2003), pode-se entender cibercultura “como a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70” (LEMOS, 2003, p. 11). Essa convergência e as determinações geradas por ela são responsáveis por uma série de transformações que podem ser lidas como pertencentes à contemporaneidade, sendo uma delas a superação da barreira espaço-temporal. Essa barreira foi superada porque a internet, vista como propulsora da cibercultura, diferenciava-se do que se entendia como mídia – antes percebida nos termos que supõem as mídias de massa –: nela “não há fluxo um-todos e as práticas dos utilizadores não são vinculadas à uma ação específica” (LEMOS, 2003, p. 15).

A ausência desse tipo de fluxo comunicacional e a desvinculação da centralidade de ações desenvolvem o que Levy (1999) define como ciberespaço:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LEVY, 1999, p. 17).

Esse universo tem como uma de suas características a ubiquidade, que, de acordo com preceitos de Lemos (2003) se caracteriza como a superação dos limites físicos, obtendo, assim, a onipresença. Em razão de a rede estar em todo e qualquer local, a ubiquidade passou a interferir nas relações sociais e nas formas simbólicas, pois, de acordo com Lima (2009), o ciberespaço “torna-se um território simbólico de vínculos sociais, um

⁴ Recuero (2012) indica que o Facebook é um *site* de rede social desenvolvido por Mark Zuckerberg e existente desde 2004, sendo, atualmente o mais utilizado no mundo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/>> . Acesso em 09 jul 2016.

ambiente de trocas de informações, textos, imagens, experiências de vida e um meio de contato e relacionamento social” (LIMA, 2009, p. 8). A rede, então, não se particulariza na forma de virtualidades, mas como parte da realidade, pois

O ciberespaço não é uma realidade à parte, ou um não-lugar desconectado da realidade, mas uma expansão e um complexificador do real, e se constitui como uma tecnologia produtora e mediadora de informação, discursos e representações que dialoga com as outras mídias e é influenciada do mesmo modo que influencia seus conteúdos. (LIMA, 2009, p.5).

A complexificação do real se constitui do jogo de interação entre os atores sociais visto em rede. Se antes se pensava na criação, afirmação e manutenção de relações e interações sociais – ou, por que não, de todos os fatos sociais existentes – apenas no plano físico ou material da sociedade, a cibercultura possibilitou a reconfiguração deles no ciberespaço a partir dos sites de redes sociais da internet. Recuero (2009) aponta, usando conceituações de Boyd e Ellison (2007), que as redes sociais da internet possibilitam a construção de uma persona através de perfis pessoais, a interação através de comentários e a exposição pública da rede social de cada ator. Isso atende ao que Lima (2009) cita ao concluir que “a cibercultura possibilita que nos tornemos protagonistas, ou seja, parte-se das narrativas e representações padronizadas de acontecimentos, indivíduos e grupos sociais para a possibilidade das autorrepresentações e das narrativas de si” (LIMA, 2009, p. 7).

A partir da conceituação acima explicitada, depreende-se que o ciberespaço pode atuar como um campo social para os atores que o compõem. As representações abrangem, dessa forma, essa localidade ubíqua, não se desvinculando, como se pensava outrora, das complexidades existentes no plano material. Dentre tais complexidades, há a formação das identidades, uma das preocupações do sujeito da pós-modernidade.

2 A identidade como representação do sujeito

Por tratar-se de uma localidade desterritorializada fisicamente, o ciberespaço é um campo social simbólico no qual se formam e se efetuam representações. Na concepção apontada por Recuero (2009), cujas características são intrínsecas aos processos vivenciados pelos usuários, os sites de redes sociais atuam como verdadeiros campos sociais, criando práticas distintas de representação. Woodward (2012) aponta que:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que

somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2012, p. 17-18).

Pode-se inferir disso que a vivência cotidiana nas redes sociais na internet é alimentada e retroalimentada pelos significados produzidos a partir do sistema de significações. Ademais, depreende-se, também, que essas significações pressupõem a construção identitária do sujeito. No ciberespaço, os comentários, a persona e a própria exposição das redes sociais individuais posicionam os usuários como sujeitos com total capacidade de participação na criação simbólica e na manutenção dessa criação na rede. Segundo Woodward, “nós participamos dessas instituições ou ‘campos sociais’, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos” (WOODWARD, 2012, p. 30). Dessa forma, a autora legitima os sujeitos sociais em rede como responsáveis pelas representações que lhe são relacionadas de forma consciente e subjetiva, pois, ainda de acordo com ela, “[...] somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando” (WOODWARD, 2012, p. 31).

Entretanto, a formação das representações não é determinada somente pelo sujeito-objeto a ser representado. A compreensão dessa formação passa por instâncias nas quais outros sujeitos, instaurados tanto pela coletividade quanto pela própria singularidade ou contexto, implicam em uma categorização distinta da representação. Nessa perspectiva, Fairclough (1992) realiza uma leitura baseada em concepções demonstradas pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin: a relação dialógica como responsável pela formação identitária do sujeito.

[...] as concepções postuladas por Bakhtin em relação à linguagem colocam a interação com o outro no mundo social como central no processo de constituição da consciência. O ser humano, portanto, constitui-se na e por meio da alteridade, e todas as atividades e papéis por ele desempenhados, nas mais diversas esferas do mundo social, encontram-se impregnados do discurso de outrem (FAIRCLOUGH, 1992 *apud* PINHEIRO, 2008, p. 81-82).

De acordo com Hall (2006), essa conjuntura é observada em correntes aplicadas pela sociologia, as quais determinam o sujeito como formado pela sociedade. Entretanto, o ciberespaço propicia outras experiências preceptoras das representações – aqui lidas sob as determinações simbólicas das identidades –, pois

O grande fluxo de informação, bem como seu fácil acesso, disponibilizou diversas formas de ver e viver a experiência humana, ao mesmo tempo em

que contribuiu para propiciar um repensar e uma redefinição das relações e identidades sociais construídas nos contextos locais de atuação. (PINHEIRO, 2008, p. 78).

Pinheiro (2008) tem um pensamento alinhado ao de Woodward (2012) em relação à produção de significados e, por conseguinte, à produção das identidades: os posicionamentos delas nos e pelos sistemas de representação estão estreitamente vinculados. Esse amplo fluxo de informação pode, também, predispor uma característica vinculada ao que Woodward diz ao citar Laclau (1990), quando aponta “que as sociedades modernas não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros” (LACLAU, 1990, *apud* WOODWARD, 2012, p. 29). Essa leitura advém da gama de possibilidades de significação e representação motivadas pelo e no ciberespaço, que contém uma variedade de campos sociais e discursos permeando esses campos. Ressalta-se, aqui, que tais campos se efetuem como “subcampos”, uma parcela em potencial do ciberespaço: se, no plano material, atuamos em diversos campos sociais – familiar, profissional, estudantil etc. – em espaços demarcados física e discursivamente, tais campos estão dissolvidos no extenso campo social denotado pelo ciberespaço.

Dessa forma, um site de rede social pode oferecer os subcampos familiar, profissional, estudantil, dentre outros, de forma coexistente, sem as separações vistas *off-line*, oferecendo uma variedade de posições de sujeito concomitantes. Hall (2006), utilizando-se de pensamentos de Laclau, diz que as posições de sujeito são identidades produzidas pelas diferentes divisões e antagonismos sociais que acontecem na modernidade tardia. Tais eventos produzem o que Giddens (1990) aponta como desalojamento do sistema social: “a ‘extração’ das relações sociais dos contextos locais de interação e sua reestruturação ao longo de escalas indefinidas de espaço-tempo” (GIDDENS, 1990, p. 21 *apud* HALL, 2006, p. 15-16). Além disso, essas indefinições, tanto do espaço quanto do campo em que o sujeito está inserido, colaboram para o que Hall (2006) aponta como a fragmentação do sujeito, pois “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13).

As identidades, então, são originadas a partir de situações sociais distintas, o que corrobora com a multiplicidade de discursos relativos a elas ser a responsável pelas suas formações. Dessa forma, o sujeito passa a ter a identificação dele a partir do que se pontua em um dado momento através de discursos observados nesses momentos. Os discursos são

provenientes das relações dialógicas, determinantes no processo de representação e, por consequência, de identificação do sujeito.

3 O discurso como precursor da identidade

Retomando perspectivas bakhtinianas, Pinheiro (2008) considera fundamental compreender o discurso como

[...] o meio através do qual seja possível entender que a nossa participação nas mais diversas esferas da vida social determina quem somos, como avaliamos o outro e como pensamos que esse outro nos avalia, desencadeando um processo ininterrupto de (re)construção de identidades (PINHEIRO, 2008, p. 82).

Percebe-se, a partir daí, que o discurso tem o efeito de determinar as relações simbólicas entre o sujeito e a sociedade. No entanto, essas relações se constituem de um jogo que acontece entre dois sujeitos, denotando, por conseguinte, a relação discursiva e o dialogismo predisposto nela. O dialogismo

pode ser interpretado como o elemento que instaura a natureza interdiscursiva da linguagem na medida em que diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, e uma sociedade, assim como elemento representativo das relações discursivas que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos (FOUCAULT, 1988 *apud* PINHEIRO, 2008, p. 78-79).

À vista disso, as relações dialógicas são determinantes para a apreensão dos discursos, já que é a partir delas que os sujeitos caracterizam e interpretam a si e ao outro, pois “o diálogo pode se tornar um espaço para (re)construção de identidades para todos os participantes envolvidos” (PINHEIRO, 2008, p. 82). De acordo com Woodward (2012), essa reconstrução instituída pelo discurso somente pode ser vista como eficaz após um recrutamento dos sujeitos, pois eles devem “assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios” (WOODWARD, 2012, p. 56), legitimando, assim, as posições sociológicas relativas à construção social do indivíduo enquanto ser social através dos enunciados.

Os enunciados são, de acordo com Bakhtin (2003), a “unidade real da comunicação discursiva, já que o discurso só tem possibilidade de existir na forma de enunciados” (BAKHTIN, 2003, *apud* CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, p.1). Ademais, o enunciado deve ser percebido como produto da interação social, pois

[...] deve ser considerado interligado à situação social (imediate e ampla) em que é produzido e está inserido. Isto é, o enunciado não

pode ser compreendido dissociado das relações sociais que o suscitaram, pois o “discurso”, como fenômeno de comunicação social, é determinado por tais relações. Isso significa dizer que essa noção de enunciado como um todo de sentido não se limita apenas a sua dimensão linguística, mas concebe a situação social (ou dimensão extraverbal) como elemento constitutivo (CAVALCANTE FILHO; TORGA, 2011, p.2).

Como a situação social é preponderante na formação dos enunciados, o contexto em que estão os sujeitos que realizam os discursos pode ser um aspecto considerado fundamental. Os discursos, ao realizarem a construção de uma identidade do sujeito, concebem-no como parte de um contexto em um campo social. No entanto, Pinheiro (2008) afirma que “houve mudanças significativas nos jogos relacionais que se traduzem em formas interativas de sociabilidade entre os mais variados conjuntos de atores sociais” (PINHEIRO, 2008, p. 77-78), o que é atestado por Lima (2009) quando a autora pondera que

o contexto da cibercultura torna as condições para produção e circulação de uma maior variedade de discursos mais acessíveis e traz à tona novos ambientes de sociabilidade e uma modalidade de construção de “narrativas do eu”, que torna possível não somente novas formas de representação, mas, sobretudo, torna visíveis representações que nos permitem entrar em contato com experiências de vida, histórias e personalidades⁵ (LIMA, 2009, p. 6).

A ubiquidade do ciberespaço e sua consequente superação dos limites dos campos sociais promovem novos ambientes de sociabilidade em rede. Essas relações originadas nesse contexto, por sua vez, favorecem e formam enunciados atribuídos aos sujeitos das situações discursivas existentes nessa localidade simbólica.

4 O discurso do outro na formação do eu no Facebook

O *site* de rede social Facebook atende aos parâmetros instaurados por Recuero (2009) ao indicar meios pelos quais o usuário pode criar uma identidade em rede. Entretanto, este artigo pretende explorar a formação da identidade apenas a partir de uma ação em voga entre os usuários do site a partir da Análise do Discurso (AD). Conforme Orlandi (2009), as pesquisas que utilizam esse tipo de metodologia possuem um caráter qualitativo-interpretativista, pois

Não há análise quantitativa de dados. Busca-se, no geral, realizar uma “exaustividade vertical” como dispositivo analítico considerando os objetivos da pesquisa que podem incluir os efeitos de memória, da

⁵ De acordo com Lima (2009), o termo personalidade deve ser compreendido na forma de subjetividade, pois refere-se a aspectos individuais e singulares que conformam a identidade e a vida dos sujeitos.

história, as ideologias, as heterogeneidades constitutiva e mostrada, os não ditos. Pode-se também observar elementos icônicos, gráficos e a relação destes com a linguagem-verbal, geralmente com o intuito de compreender os efeitos de sentidos produzidos pela materialidade linguística e não linguística (isto é, a imagética, as substâncias, etc.) (ORLANDI, 2009, p. 62 *apud* MARQUES, 2011, p. 62).

Desse modo, a AD funciona como um aparato metodológico que analisa não somente o que é exposto de forma clara, mas, também, o que pode ser lido ou visto nas entrelinhas dos enunciados realizados pelos sujeitos da situação discursiva. Dessa maneira, elementos além da linguagem verbal também podem ser levados em consideração pelo pesquisador. Além disso, ainda segundo o autor,

[...] a metodologia de análise [do discurso] não consiste em uma leitura horizontal, ou seja, em extensão, do início ao fim do texto tentando compreender o que o mesmo diz, uma vez que todo discurso é incompleto. Mas, realiza-se uma análise em profundidade, que é possibilitada pelo batimento descrição-interpretação em que se verifica, por exemplo, posições-sujeito assumidas, imagens e lugares construídos a partir de regularidades discursivas evidenciadas nas materialidades. Dito de outro modo, o pesquisador utiliza-se de dada teoria, ou melhor, de procedimentos teóricos que subsidiarão a análise conforme o enfoque da pesquisa observando o objeto. Ao analisar o objeto, é necessário recorrer novamente à teoria. Daí, o procedimento analítico se dá nesse vai e vem entre a descrição e a interpretação (MARQUES, 2011, p. 62).

Essa análise em profundidade objetivada pela AD faz uma interpretação do que se verifica a partir das posições dos sujeitos da ação. Para guiar essa análise, é necessário que a fundamentação teórica seja seguida alinhadamente, uma vez que o objeto será interpretado de acordo com a teorização focada durante a pesquisa. No contexto que este trabalho pressupõe, a AD será realizada de forma a expor o jogo discursivo que institui as identidades e representações dos sujeitos no ciberespaço. Essa exposição será evidenciada a partir de um recorte, o qual, segundo Orlandi (1989),

[...] refere-se a uma unidade discursiva entendida como fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Para essa autora, cada texto é um conjunto de recortes discursivos que se entrecruzam e se dispersam; um recorte é um fragmento da situação discursiva e a análise empreendida efetua-se por meio de seleção dessas unidades extraídas do *corpus*, ou mesmo de recortes de recortes, observados os objetivos da pesquisa (ORLANDI, 1989, p. 36 *apud* MARQUES, 2011, p. 62).

O recorte a ser utilizado será o estabelecimento do jogo discursivo a partir de uma postagem no Facebook e sua apreensão por outro usuário da rede. Isto posto, observa-se esse recorte como apenas uma parte da situação discursiva, já que, como Marques (2011) afirmou, o discurso é incompleto. Em razão disso, não se propõe analisar todo o processo

da situação, apenas o contexto de formação da identidade do interlocutor no jogo discursivo.

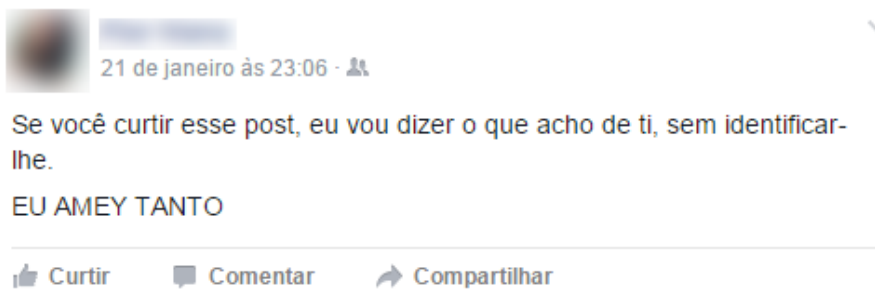
A tendência a ser analisada é a publicação de uma postagem que, ao ser curtida, possa gerar algum comentário que defina o curtidor por parte do usuário que fez a publicação.

Imagem 1 – Publicação feita com o intuito de instituir comentário sobre seu interlocutor.



Fonte: Facebook (2016).

Imagem 2 – Publicação feita com o intuito de instituir comentário sobre seu interlocutor.



Fonte: Facebook (2016).

Essa postagem se caracteriza como um enunciado e, por isso, conjectura uma resposta – ou outro enunciado –, pois, segundo Bakhtin (2004), “nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes e em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu” (BAKHTIN, 2004, p. 79 apud PINHEIRO, 2008, p. 79). Ao ser publicado na rede social, o enunciado gera um convite com o intuito de oferecer a quem aceitá-lo um breve comentário acerca de sua personalidade ou sua postura frente ao locutor. Este, então, presume que alguém de sua rede social se interessará em entrar no jogo discursivo que ele propõe e, então, ser seu interlocutor, caracterizando o que Pinheiro (2008) assinala como “a alternância dos sujeitos falantes que traça a fronteira entre os enunciados nas diversas

esferas da atividade e existência humana, adotando características e formas diversas, dependentes das atribuições lingüísticas e das condições e situações variadas de comunicação” (PINHEIRO, 2008, p. 80). Essa alternância tem uma tipificação peculiar, dada que ocorre nas circunstâncias definidas pelo ciberespaço. No caso do campo social formulado pelo Facebook, o enunciado conferido pelo interlocutor é assumido pela “curtida”, feita a partir do botão “curtir”.

O presente trabalho não visa analisar e/ou apontar as diferentes possibilidades de significados que o botão “curtir” do Facebook pode dispor, apenas a postura ou utilização dele como enunciado. Isso porque Courtine (1999) afirma que

[...] ao tratar do discurso não se está tratando da língua, quer dizer, “de uma ordem própria, distinta da materialidade da língua, [...] mas que se realiza na língua: não na ordem do *gramatical*, mas na ordem do *enunciável*”. Um enunciado pode ser além de palavras ou frases, símbolos, imagens, gráficos, organogramas, desenhos, etc. (COURTINE, 1999, p. 16 *apud* MARQUES, 2011, p. 63).

O botão “curtir”, além disso, pode ser observado como um enunciado porque é empregado de forma responsiva a um enunciado pré-existente – no caso, o enunciado caracterizado pela postagem. Essa correspondência manifesta é evidenciada porque, de acordo com Foucault (1995),

Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (FOUCAULT, 1995, p. 114 *apud* MARQUES, 2011, p. 63).

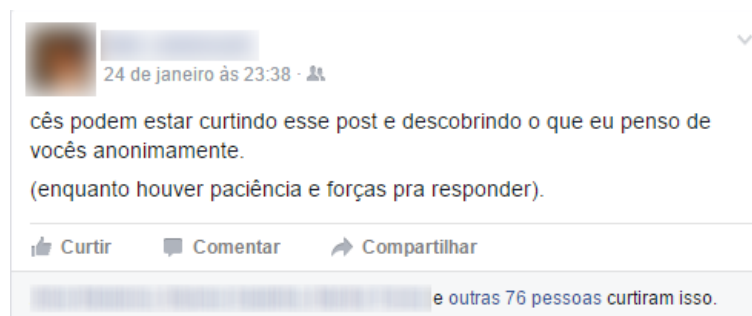
A ocorrência dessa “curtida” denota o que Foucault (2001) destaca como a possibilidade de ela ser encarada como parte de um procedimento de controle dos discursos realizado por conta do locutor, já que “[...] trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles” (FOUCAULT, 2001, p. 36-37). Tal regra expressa a necessidade de resposta ao discurso anteriormente desenvolvido a partir da estipulação de uma condição: esse mesmo discurso deve ser, imprescindivelmente, “curtido” pelos seus interlocutores para que o dialogismo tenha continuidade. Dessa forma, instaura-se no ciberespaço um *modus operandi* que, ainda nas palavras do autor, pode ser classificado como ritual:

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto

de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.” (FOUCAULT, 2001, p. 39).

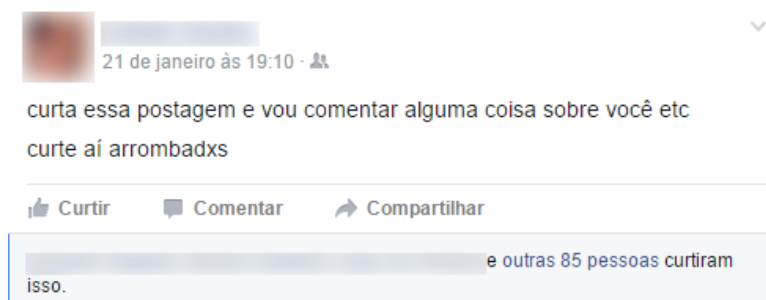
Não obstante, essa “curtida” representa para o interlocutor o que Foucault (2001) determina como vontade de verdade. De acordo com o autor, a verdade de um discurso fazia com que o sujeito se submetesse a ele, pois “era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino” (FOUCAULT, 2001, p. 15). Desse modo, esse discurso carregado de verdade correspondia a uma atribuição legítima em relação ao que ele se dirigia ou tratava. Foi a partir daí que Foucault (2001) observou que a verdade deixou de ser determinada pelo que o discurso abordava, pois “chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado: para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência” (FOUCAULT, 2001, p. 15). Isso originou uma predisposição à aceitação do discurso, pois este trazia, em si, a verdade sobre o que tratava.

Imagem 3 – Publicação respondida com curtidas de pessoas da rede social do sujeito.



Fonte: Facebook (2016).

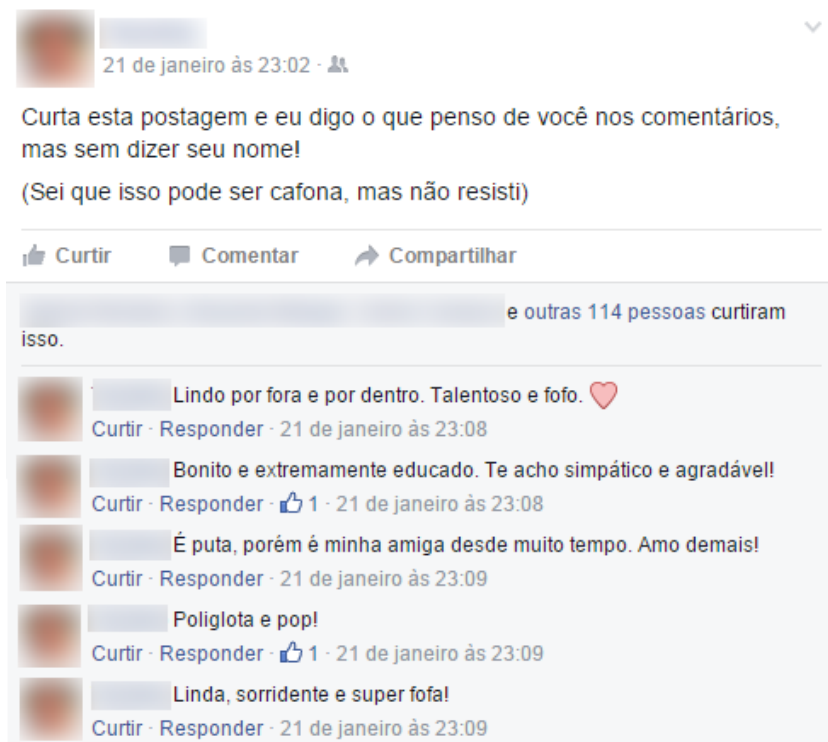
Imagem 4 – Publicação respondida com curtidas de pessoas da rede social do sujeito.



Fonte: Facebook (2016).

Esse jogo enunciativo tem sua primeira rodada completada após a utilização do “curtir”, pois supõe o atendimento às prescrições do procedimento de controle do discurso caracterizado pelo ritual feito pelo locutor. A partir dessa resposta, predispõem-se outros enunciados na forma de comentários, dispostos como a continuidade do diálogo estabelecido anteriormente. Esses novos enunciados são lançados como formadores ou definidores da identidade do interlocutor.

Imagem 5 – Comentários realizados após o jogo discursivo instituído pela postagem.

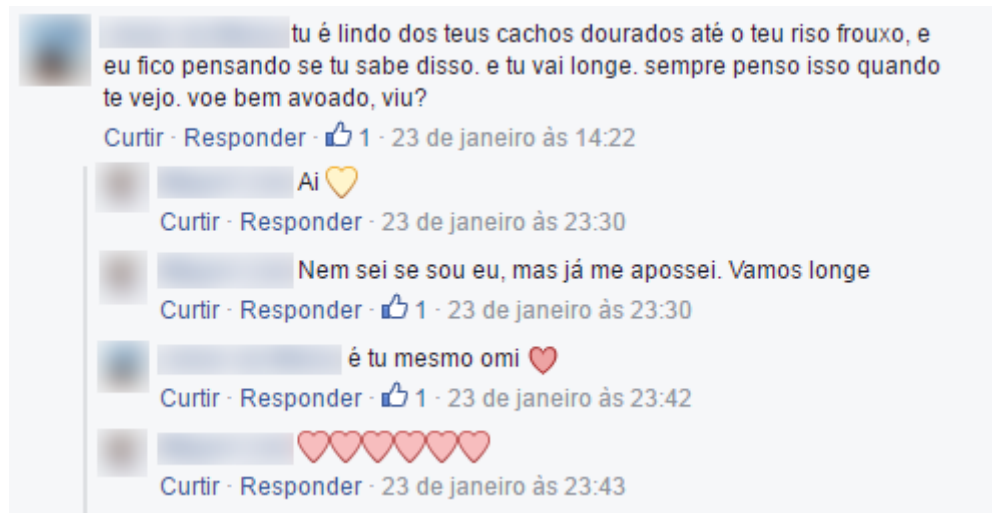


Fonte: Facebook (2016).

O ritual dessa situação discursiva prescreve, além das qualificações e dos posicionamentos do diálogo, a eficácia do domínio do autor. Segundo Foucault (2001), a posição do autor do enunciado funciona como chave do discurso originado, pois ele deixa de ser visto ou compreendido como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, tornando-se ele mesmo o “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 2001, p. 26). Isso confere certo “poder” ao enunciador, pois ele, a partir do diálogo discursivo estabelecido pela “curtida”, é o responsável pela definição do seu interlocutor. O enunciador age, então, como se fosse estabelecer a representação – e, por consequência, a identidade do

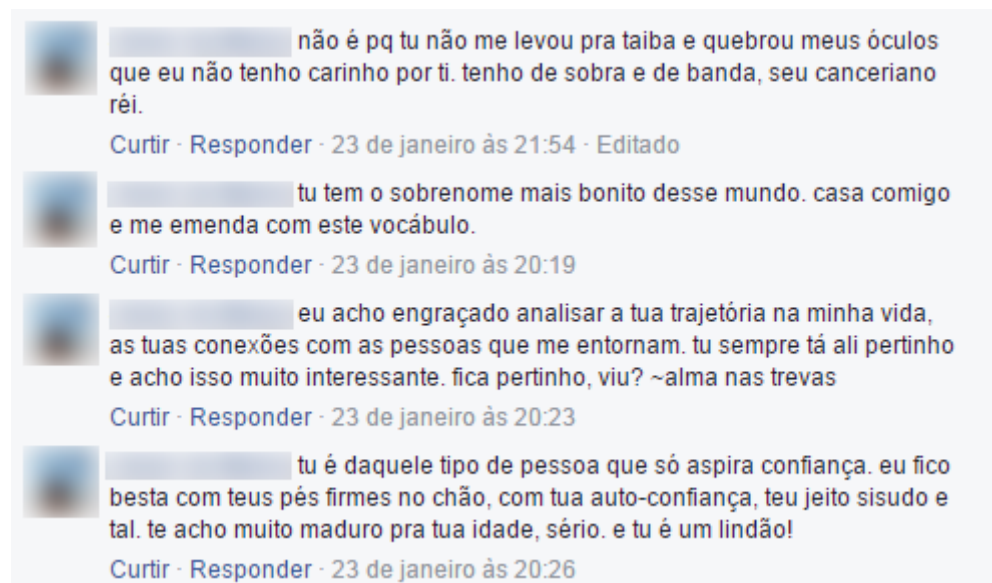
interlocutor – observada por Woodward (2012), já que ele pressupõe um campo social vinculado arbitrariamente à sua consciência.

Imagem 6 – Ocorrência de assimilação do interlocutor à representação dele no discurso instituído pela postagem.



Fonte: Facebook (2016).

Imagem 7 – Ausência de assimilação do interlocutor à representação dele no discurso instituído pela postagem.



Fonte: Facebook (2016).

Em algumas das postagens visualizadas, percebe-se como esse jogo discursivo pode ser realmente eficaz: o interlocutor se percebe no discurso do outro, seja por meio de um enunciado que remeta à sua descrição física ou simbólica frente ao locutor, seja apenas por

ter se submetido ao discurso dele. Entretanto, como a brincadeira pressupõe o anonimato por parte da definição da identidade do interlocutor, não se pode considerar que esse jogo discursivo é de todo infalível, pois grande parte dos enunciados com teor definidor não obtém resposta – de forma discursivamente verbal ou não.

5 Conclusão

A manifesta análise deste artigo conclui, a partir da metodologia utilizada, que o ciberespaço atua como um extenso campo social devido à sua característica utópica. A onipresença origina o que se observa como uma diluição dos subcampos sociais, dada a inexistência de limites causada pela desterritorialidade da rede entre tais campos. Isso propicia uma quantidade diversa de representações, ocorridas de formas simbólicas e próprias a esses subcampos. Dentre essas representações, está a identidade, responsável pela caracterização de um sujeito enquanto indivíduo social.

Em razão da diversidade de representações existentes no ciberespaço, acontece uma fragmentação dos sujeitos sociais. Como as identidades são atribuídas aos sujeitos de acordo com as situações nas quais eles estão envolvidos, esse tipo de representação depende primariamente de um local definido, limitado, portanto impróprio à rede. Essa incongruência é tipificada a partir da quantidade de discursos circulantes, responsáveis pelas atribuições identitárias nos campos sociais, o que pode contribuir para uma indefinição desse sujeito frente a si e a outros sujeitos também inseridos nesse espaço.

Dessa forma, a brincadeira surgida no Facebook propiciou o que pode ser considerado como um mecanismo que sugere a resolução dessa indefinição do sujeito. Por meio da curtida – um tipo de enunciado –, um sujeito se posiciona responsivamente em relação à postagem de outro, que se incumba de caracterizar o seu interlocutor após a realização de um ritual que pressupõe a formação de uma relação dialógica no ciberespaço.

Seguindo o raciocínio de Michel Foucault, percebe-se que o interlocutor, no momento em que “curte” a postagem – ou o enunciado desenvolvido pelo locutor –, além de erigir uma ação responsiva em relação ao discurso, o faz com o intuito de obter um discurso de verdade sobre si. Esse discurso trata de sua identidade, já que esta, por sua vez, é formulada diante de discursos próprios a uma contextualização. Dessa forma, é possível inferir que tal identidade é apenas uma atribuição a uma localidade ou campo social particular, desenvolvido pelo sujeito iniciador da relação dialógica, sendo, conseqüentemente, restrita à situação social instaurada pelo locutor.

Embora esse jogo discursivo ocorra com o intuito de contextualizar a identidade do interlocutor em seu âmago, tal representação é passível de não entendimento ou não aderência por parte dele, mesmo com o andamento da situação discursiva. Tal conjuntura pode ser interpretada dessa forma em razão do caráter anônimo da brincadeira aliado à possível variedade de discursos existentes sob essa condição.

6 Referências bibliográficas

CAVALCANTE FILHO, U.; TORGA, V. L. M.. Língua, discurso, texto, dialogismo e sujeito: compreendendo os gêneros discursivos na concepção dialógica, sócio-histórica e ideológica da língua(gem). *In: I Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, 2011, Vitória. Anais...* Vitória, 2011. Paginação irregular.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001, 79 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEMOS, A. Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. *In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (Org.). Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999, 250 p.

LIMA, A. S. Da cultura da mídia à cibercultura: as representações do eu nas tramas do ciberespaço. *In: III Encontro de Pesquisa em Comunicação e Cidadania, 2009, Goiânia. Anais...* Goiânia, 2009, p. 1-12.

MARQUES, W. Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso face aos novos suportes midiáticos. **Domínios de Lingu@gem**. Minas Gerais: v. 5, p. 58-73, 2011.

PINHEIRO, P. A. Bakhtin e as identidades sociais: uma possível construção de conceitos. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: v. 40, p. 77-85, 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Jogos e práticas sociais no Facebook: Um estudo de caso do Mafia Wars. *In: ANDRADE, L. A.; FALCÃO, T. (Org.). Realidade Sintética: Jogos Eletrônicos, Comunicação e Experiência Social*. 1. ed. São Paulo: Scortecci, 2012, v. 1, p. 19-40.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. *In: SILVA, T. T. (Org.); HALL, S.; WOODWARD, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 12.ed. p. 7-72, 2012.